

O USO DO *MAIS* NO PORTUGUÊS RURAL AFROBRASILEIRO

THE USE OF *MAIS* IN THE RURAL AFRO-BRAZILIAN PORTUGUESE

Débora Trindade*
Cristina Figueiredo**

Resumo: Este artigo trata da variação *MAIS* ~ *E* em contexto de coordenação de elementos na sentença, buscando identificar os contextos linguísticos que favorecem o uso de uma ou de outra variante, bem como verificar a trajetória da variante *MAIS* no dialeto rural afrodescendente, considerando fatores linguísticos e sociais, nos moldes da Sociolinguística. Nesta pesquisa considerou-se que a variação *MAIS* ~ *E* é resultado do contato entre línguas que ocorreu no Brasil no período da colonização. Desse modo, selecionaram-se duas comunidades rurais afrodescendentes – Helvécia e Cinzento – localizadas no estado da Bahia. Os resultados encontrados mostram que o uso do *MAIS* é favorecido na comunidade de Helvécia, entre os falantes adultos e idosos, entre os analfabetos e entre os que não saíram das comunidades.

Palavras-chave: Contato linguístico; Português rural afrobrasileiro; Variação *MAIS* ~ *E*; Coordenação.

Abstract: This article deals with the variation *MORE* ~ *AND* in the context of coordination of elements in the sentence. It seeks to identify the linguistic contexts that favor the use of one variant or another, as well as to check the trajectory of variant *MAIS* in afrodescendant rural dialect considering linguistic and social factors along the lines of Sociolinguistics. In this research it was considered that the variation *MORE* ~ *AND* is a result of contact between languages that occurred in Brazil during the colonization period, thus, we selected two Afro-descent rural communities – Helvecia and Cinzento - located in the state of Bahia. The results show that the use of *MAIS* is favored in the community of Helvecia, among adults and elderly speakers, among illiterates and those who never left their communities.

Keywords: Language contact; Rural afro-brazilian portuguese; Variation *MORE* ~ *AND*; Coordination.

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da UFBA, é graduada em Letras pela UNIME desde 2010. Realiza pesquisa no âmbito do *Projeto Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia* sobre a multifuncionalidade do item de vocabulário *MAIS* no português rural afrodescendente.

** Professora Adjunta da UFBA, é doutora em Linguística, membro do *Projeto Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia*, coordenado por Dante Lucchesi, e orienta trabalhos na área de variação linguística e teoria gerativa, áreas de concentração no mestrado e doutorado. É autora de artigos nas duas áreas: *Objeto direto anafórico no dialeto rural afro-brasileiro do estado da Bahia*, 2006; *As sentenças relativas em atas escritas por africanos no Brasil oitocentista*, em coautoria com Ilza Ribeiro, 2009; *Objeto nulo: Uma restrição temática*, 2012. Atualmente, tem-se voltado para a pesquisa no âmbito da Morfologia Distribuída.

Introdução

A descrição e a formação do português brasileiro (PB) têm sido alvo de muitos trabalhos (BAXTER; LUCCHESI, 1997; LUCCHESI, 2000; 2001; MATOS e SILVA, 2001; NARO; SCHERRE, 2007), visto apresentar diferenças morfossintáticas em relação ao português europeu (PE), que serviu como modelo de aquisição para os falantes que viviam no Brasil e para os que aqui chegaram para trabalhar como mão-de-obra escrava no período de colonização do Brasil.

Podem-se constatar não só diferenças fonológicas, mas também morfológicas, sintáticas e lexicais entre essas duas variedades da língua portuguesa. Já em 1880, esse distanciamento era percebido por Coelho (*apud* Tarallo, 1993), o primeiro a levantar a hipótese da interferência das línguas africanas na formação do PB. Por outro lado, para explicar esse distanciamento, Naro e Scherre (1993, 2007) defendem a hipótese da deriva secular na formação do PB, tomando como argumentos aspectos não só da história social da língua, mas também de sua história interna. Para eles, no sistema do português que chegou ao Brasil, já estavam prefiguradas mudanças que o levavam a uma determinada direção; entretanto, no período de colonização, encontrou forças linguísticas e sociais que ora o reforçavam na direção prevista, ora o afastavam dessa direção. Embora admitam que o contexto social multilíngue possa ter, de alguma maneira, influenciado na formação do PB, os autores acreditam que, se houve uma variedade do português oriunda do processo de criouliização devido ao contato com línguas africanas, conforme Coelho e Guy (1981, *apud* Tarallo, 1993) e Lucchesi (2000, 2009), “ela cedo se evaporou sem deixar rastros na documentação.” (NARO; SCHERRE, 1993, p. 451)

Além das diferenças percebidas entre o PB e PE, observa-se ainda uma variação no PB, que, segundo Lucchesi (2000, 2001), revela uma realidade linguística polarizada: um conjunto de características linguísticas comuns aos falantes das normas cultas e outro conjunto comum aos falantes das normas populares faladas nas classes mais baixas, em cujas origens se verifica forte presença dos ex-escravos, os quais aprenderam o português com seus pais que, por sua vez, tinham o português como segunda língua.

Neste trabalho, em que se investiga a variação dos itens de vocabulário (IV) *MAIS* e *E* em contextos de coordenação, como em (1), um fenômeno comum no português

popular do estado da Bahia, objetiva-se verificar a relevância desse fenômeno para a hipótese de que as peculiaridades existentes no português falado no Brasil devem-se ao contexto multilinguístico em que surgiu. Para tanto, foram analisadas amostras de fala de duas comunidades do português rural afrobrasileiro, Helvécia e Cinzento, que vivem em relativo isolamento e devem guardar não só costumes culturais bastante antigos, mas também padrões linguísticos que permitem encontrar evidências de processos de variação e mudança resultantes do contato entre línguas.

(1) João encontrou no cinema Luciana *e/mais* o namorado.

Nos moldes da Sociolinguística Laboviana, faz-se uma análise quantitativa dos dados através do Pacote de Programas VARBRUL, objetivando identificar os contextos linguísticos que favorecem o uso de uma ou de outra variante bem como a trajetória da variante *MAIS* no dialeto rural afrodescendente do estado da Bahia, a partir da análise de fatores extralinguísticos.

Este artigo está assim estruturado: na seção 1, apresenta-se o item de vocabulário *MAIS* segundo a tradição gramatical e suas formas de uso no português popular; na seção 2, abordam-se algumas questões a respeito do contato entre línguas na formação do PB, além de apresentar as comunidades rurais afrodescendentes investigadas; a seção 3 é dedicada à multifuncionalidade de itens de vocabulário nas línguas crioulas, buscando apresentar argumentos que reforcem a hipótese proposta; e, finalmente, na seção 4, faz-se a análise dos resultados obtidos através da quantificação dos dados.

1 O item de vocabulário MAIS

Segundo a tradição gramatical², o item de vocabulário *MAIS* expressa o valor semântico de intensificador, mas exerce diferentes funções sintáticas a depender do termo que intensifica: é um pronome adjetivo indefinido quando intensifica um nome, como em (2), ou um advérbio quando intensifica adjetivos, verbos e advérbios como em (3).

²Almeida (2005), Bechara (1982), Cunha (1986), Cegalla (1973) e Rocha Lima (2006).

(2) Pronome adjetivo indefinido
Chegaram *mais* flores_n para Maria.

(3) Advérbio
a. Pedro está *mais* douto_{adj.}
b. Meu irmão correu_v *mais*.
c. João mora *mais* longe_{adv.}

Como se pode observar, quando *MAIS* é um advérbio a leitura obtida é sempre comparativa. Da leitura do exemplo em (3), infere-se uma relação de comparação com um termo não realizado. Nesse contexto, o *MAIS*, de alguma maneira, é um “predicador”, mesmo quando o termo requerido para que se efetive a comparação não seja realizado. Esse IV, além do grau comparativo, pode expressar o grau superlativo, quando o adjetivo é elevado ao máximo. O item de vocabulário *MAIS* pode participar tanto das construções do superlativo absoluto analítico como do superlativo relativo. Em (4), são apresentados alguns exemplos dessas funções retirados de Almeida (2005).

(4) a. O *mais* estudioso é meu filho. (superlativo absoluto analítico)
b. João é o *mais* estudioso dos colegas. (superlativo relativo)

Embora, segundo Almeida (2005, p. 150-154), o superlativo chamado de absoluto modifique “a coisa expressa pelo substantivo, sem fazer referência à outra coisa congênere (...)”, como no exemplo em (4a), é possível inferir o universo em que se enuncia tal comparação. Diferentemente, o superlativo relativo, “além de atribuir a certa coisa uma qualidade no grau sumo, põe em relação essa coisa com outras congêneres (...)”, como em (4b). Nesse caso, a relação entre duas porções da sentença é bastante clara.

Além disso, *MAIS* pode funcionar como pronome substantivo, quando precedido de artigo, pronome adjetivo ou numeral, e ainda como pronome substantivo indefinido quando tiver como referente um nome que consta na frase.

As características do item de vocabulário *MAIS*, segundo a tradição gramatical, podem ser vistas em (5).

(5) a. É um modificador: pronome indefinido ou advérbio.
b. Exprime intensidade.
c. É um “predicador”: um termo que reclama a presença de outro.

1.1 O *MAIS* no dialeto popular

No português popular do estado da Bahia, é muito comum o uso desse IV estabelecendo relação de subordinação ou de coordenação de partes da sentença, como em (6).

- (6) a. SUBORD: Ana namora *mais* Paulo. = Ana namora *com* Paulo³.
b. COORD: João *mais* Maria saíram. = João *e* Maria saíram.

Observa-se que o item de vocabulário *MAIS* introduz um complemento oblíquo, como em (6a), estabelecendo uma relação hierárquica de subordinação entre o verbo e seu argumento. Nesse contexto, o IV, além da função de introdutor de argumento, tem ainda a função de atribuir caso ao DP⁴. Ao introduzir um DP adjunto, o item de vocabulário *MAIS* também atribui papel temático ao DP, como em (7).

- (7) a. Viajei *com* Antônio.
b. Viajei *mais* Antônio.

O item de vocabulário *MAIS*, na função da preposição, também pode ser utilizado com verbos que expressam a ideia de junção, união, como em (8b); de combinação, como em (9b); ou estabelecer uma relação semântica de companhia introduzindo adjunto adverbial como em (7b).

- (8) a. João casou *com* Alice.
b. João casou *mais* Alice.

(9) a. Pedro juntou suas economias *com* as do irmão para comprar o carro.
b. Pedro juntou suas economias *mais* as do irmão para comprar o carro.

Nos exemplos em (8) e (9), como introdutora de complemento verbal, a preposição é considerada funcional, portanto não atribui papel semântico ao DP que a complementa. Já em (7), como introdutora de um adjunto adverbial, é uma preposição lexical e atribui caso e papel temático ao DP adjacente.

³ Embora não seja essa a estrutura assumida pela tradição gramatical para esse verbo, optou-se por utilizá-la, pois é um uso muito comum no português popular do estado da Bahia.

⁴ Utilizou-se a nomenclatura da teoria gerativa para se referir aos sintagmas de acordo com a seguinte legenda:

⁴DP = *determiner phrase*, sintagma encabeçado por determinante explícito ou não;

⁴PP = *prepositional phrase*, sintagma encabeçado por preposição.

Considerando as características propostas para o *MAIS* na subseção anterior, pode se verificar que o uso do *MAIS* nos dialetos populares amplia o rol de características desse IV, ampliando sua funcionalidade, como se pode ver nos exemplos em (11) do *corpus*.

- (11) a. preposição funcional: “Denestina (...) é casado *mais* Nezim...” (HV22)
 b. preposição lexical: “Cantava *mais* os ôto (...) eu sozinha num cantava não.” (CZ10)
 c. conjunção: “eu *mais* ele ia, pegava o ônibus” (HV12)
 d. advérbio: “era *mais* alto do que aquele pé de coquêro.” (HV03)
 e. pronome indefinido: “isso já tá cum *mais* de quatro mês” (HV07)

Pode-se então verificar que o item de vocabulário *MAIS*, ao longo de sua trajetória no português, tem perdido traços, o que licencia seu uso em contextos mais amplos, como se observa em línguas que passaram por situação de contato.

Segundo Lucchesi (2000, p. 111), durante o contato massivo entre línguas, elementos bastante gramaticais são perdidos e outros elementos são introduzidos num processo de reconstituição. Para suprir a perda inicial dos materiais funcionais, Lucchesi propõe que ocorre uma recomposição gramatical do sistema, que pode se dar “por duas vias que envolvem processos de gramaticalização”⁵: i) ampliação (ou maximização) das funções dos (poucos) itens gramaticais que se conservaram no uso linguístico da comunidade, e ii) utilização de itens lexicais para expressar relações gramaticais, ponto de partida do processo de gramaticalização.

Desses pressupostos, pode-se inferir que o uso da variante *MAIS* seja explicado tendo em vista o primeiro desses itens. Assume-se que a variação *MAIS~E* se deve às profundas modificações sofridas pelo PB, ocorridas nas classes sociais mais baixas⁶. Investigar essa variação em amostras de fala do português rural afrodescendente é contribuir para reconstruir a história da formação do PB.

⁵ O conceito de gramaticalização utilizado por Lucchesi refere-se “a mudança de uma categoria léxica para uma funcional, associada à perda de conteúdo lexical”, cf. propõe Roberts (1993). Sobre gramaticalização, ver Castilho (1997).

⁶ Segundo Lucchesi (2000, 2001), a realidade sociolinguística do PB é polarizada. O contato entre línguas no Brasil foi mais intenso nas zonas rurais onde havia um número muito maior de falantes de línguas africanas que de português. Assim, os processos linguísticos que ocorreram nas zonas rurais podem não ter ocorrido nas zonas urbanas. Daí a polarização.

Neste trabalho, apresentam-se apenas os resultados do uso do *MAIS* que expressa valor de adição em contextos de coordenação⁷, buscando verificar as categorias que pode coordenar, os contextos linguísticos e extralinguísticos que condicionam o seu uso.

2 O contato entre línguas na formação do PB

Como dito anteriormente, assume-se que as mudanças ocorridas no PB, principalmente aquelas percebidas no português popular, foram motivadas pelo contato com falantes de diversas línguas no período de povoação do Brasil, principalmente com falantes de línguas africanas, conforme Lucchesi (1994, 2001, 2009).

Tendo assumido essa posição, selecionaram-se comunidades compostas por afrodescendentes que vivem em relativo isolamento. Apesar de ser o isolamento total o mais indicado para a pesquisa, hoje é difícil encontrar comunidades onde essa situação seja realidade, pois os meios de comunicação de massa, principalmente o rádio e a televisão, são comuns até mesmo nas regiões distantes, aproximando-as dos costumes sociais e linguísticos dos grandes centros. Como esta é uma análise preliminar, foram selecionadas apenas duas comunidades rurais afrodescendentes, do acervo do Projeto Vertentes, coordenado pelo Prof. Dr. Dante Lucchesi. São elas Helvécia, localizada no extremo sul do estado da Bahia, e Cinzento, localizada no município de Planalto, no semiárido. Essas comunidades surgiram a partir de antigos quilombos ou de agrupamentos de ex-escravos que receberam doações de terra para viver após o fim da escravidão no Brasil. Lucchesi afirma que essas comunidades se caracterizam pelos seguintes parâmetros:

(i) são compostas majoritariamente por descendentes diretos de escravos africanos que se fixaram em localidades remotas do interior do país e de difícil acesso; (ii) mantiveram-se em relativo isolamento até a segunda metade do século XX; (iii) sua principal atividade econômica é a agricultura de subsistência. (LUCCHESI, 2009, p. 75)

Além disso, um fator determinante para a história sociolinguística dessas comunidades é a nativização do português que ocorreu entre os descendentes desses escravos africanos. Lucchesi (2009, p. 75) afirma que “os escravos vindos da África

⁷O uso do *MAIS* como preposição ainda está em fase de coleta dos dados.

tiveram que aprender o português como segunda língua em condições bem adversas, no ambiente de trabalho forçado da lavoura ou das minas”, enquanto os seus descendentes teriam adquirido uma língua proveniente de um modelo defectivo do português utilizado por seus pais caracterizando um processo de transmissão linguística irregular. Como resultado, esse processo “teria dado origem a uma variedade linguística do português muito diferente do português falado pelos colonos portugueses e seus descendentes 'brasileiros” (LUCCHESI, 2009, p. 75).

Tal variedade pode possuir aspectos semelhantes a línguas que sofreram processos de pidginização e crioulição, o que justifica buscar em línguas crioulas processos semelhantes aos investigados. Na seção seguinte, apresenta-se o comportamento multifuncional de alguns IVs em línguas crioulas. Verifica-se que os IVs ora funcionam como um elemento funcional ora como lexical.

3 A multifuncionalidade de itens de vocabulário nas línguas crioulas

Uma característica comum às línguas crioulas é a existência de verbos seriais⁸, cuja característica principal é exercer a função de preposição nas sentenças. Segundo Muysken e Veenstra (1994), sobre o crioulo haitiano de base francesa, o verbo *ba* (dar) pode funcionar como um verbo serial, como em (12a), mas também como verbo que tem sua grade temática preenchida, selecionando tanto o objeto direto quanto o objeto indireto, que, nesse crioulo, se realizam na ordem OI – OD sem preposição, com em (12b).

- (12) a. Men li, al pran-l bamwen: lombraj.⁹
 Eis aí 3ps ir pegar-3ps darmim: fantasma.
 “Eis aí, vá pegá-lo para mim: fantasma”
- b. Kan ou jweak-ti-chen, la ba ou pis.
 quando 2ps brinca com-pequeno-cachorro, 3sg dar 2ps parasita
 “Quando você brinca com um cachorrinho ele lhe transmite parasita.”
 (MUYSKEN E VEENSTRA, 1995, p. 153)

No exemplo em (12b), pode-se ainda observar a multifuncionalidade de outro IV. Em línguas que perdem a marcação morfológica de caso, outro sistema deve existir para

⁸ Sobre esse assunto, ver Muysken e Veenstra (1994, p. 289).

⁹ A tradução é nossa.

que o caso dos DPs seja interpretado. Uma forma de garantir o caso dos DPs é o enrijecimento da ordem VO, em que o caso é marcado estruturalmente. Esse comportamento leva à distinção casual observada no paradigma pronominal a ser desfeita, como ocorre em algumas línguas crioulas, em que o mesmo pronome pode exercer a função de sujeito (caso nominativo) e de complemento (caso acusativo ou dativo). Em (12b), o mesmo pronome *ou* recebe caso nominativo na posição de sujeito e caso dativo como argumento interno de um verbo de dois lugares internos.

Considerando a possibilidade de um mesmo IV funcionar como preposição e como conjunção, conforme o item de vocabulário *MAIS* no PB, como se vê nos exemplos em (6a) e (6b) respectivamente, o crioulo caboverdiano apresenta propriedade semelhante. Segundo Baptiste (2002), o IV *ku* pode funcionar como conjunção coordenativa, como em (13), adicionando DPs; pronome forte (PF) e nome, como em (13a-b); dois nomes, como em (13c); e pronome forte e PP, como em (14). A coordenação aditiva, nos demais contextos, é realizada pela conjunção *I*.

- (13) a. *Mi ku nha pai* (RS-ST)
 PF e meu pai
 “Meu pai e eu”
- b. *Mi ku Brankinha* (RS-ST)
 PF e Brankinha
 “Brankinha e eu”
- c. *Nha mai ku nha pai* (RS-ST)
 minha mãe e meu pai
 “Minha mãe e meu pai”
- (14) A(y)es *ku* dises
 PF e deles
 “Eles e deles mesmos”

(BAPTISTE, 2002, p. 134)

Nos exemplos em (13) e em (14), observa-se que os termos coordenados possuem os traços [+def, +esp]¹⁰. No caboverdiano, o IV *ku* funciona também como uma preposição (com) introduzindo um DP com valor de companhia, como em (15a), e de instrumento, como em (15b)¹¹.

¹⁰ Inferência nossa.

¹¹ A autora acrescenta ainda outras possibilidades de leitura para a preposição *Ku*, que não contribuem para a discussão realizada neste trabalho.

- (15) a. *E fika ku povu la.* (RS-TS)
 CL ficar com pessoas lá
 “Ele fica com as pessoas lá.”
- b. *E sapa ku faka.* (RS-ST)
 CL cortar com faca
 “Ele corta com uma faca.”

(BAPTISTE, 2002, p. 133)

Lumsden (1999, p. 135) propõe que o IV *AK*, com valor aproximado de *com* (*avec*), no crioulo haitiano de base francesa, funciona como *preposição*, introduzindo um adjunto com valor de instrumento, como em (16), e como *conjunção* adicionando dois termos, como em (17), um comportamento diferente do francês, como nos exemplos a seguir.

- (16) a. Jan koupe penan ak kouto a. (crioulo)
 Jan cortar pão a com faca a
 “Jan corta o pão com a faca”
- b. Jean a coupé le pain avec son couteau (francês)
 Jean tem cortado o pão com sua faca
 “Jean tem cortado o pão com sua faca”
- (17) a. Jan ak Mari kite Ayite. (crioulo)
 Jane e Mari deixar Haiti
 “Jan e Mari deixaram o Haiti”
- b. *Jean avec Marie ontquitté la France. (francês)
 Jean com Marie tem deixado a França.
- c. Jean et Marie ontquitté la France. (francês)
 Jeane e Marie tem deixado a França.
 “Jean e Marie deixaram a França.”

(LUMSDEN, 1999, p. 135)

Nesta subseção, objetivou-se apresentar dados de línguas crioulas a fim de demonstrar que as peculiaridades encontradas no português rural afrodescendente são semelhantes às de línguas crioulas.

4 Análise dos dados

Como já dito anteriormente, este trabalho foi realizado numa perspectiva Sociolinguística (LABOV, 1983; TAGLIAMONTE, 2006). Dessa forma, constituiu-se um *corpus* com amostras de fala de duas comunidades rurais afrodescendentes, de onde

foram coletadas ocorrências de *MAIS* e *E* em contexto de coordenação. Os dados coletados foram codificados e submetidos ao pacote de programas VARBRUL. A quantificação das ocorrências pode ser vista na Tab.1.

Tabela 1 – Distribuição das variantes no *corpus*

	MAIS	E	Total
Ocorrências	62	231	293
Frequência	21	79	100

Das 293 ocorrências encontradas nas duas comunidades investigadas, a variante *E* apresenta uma frequência de uso maior entre os indivíduos (79%), enquanto a variante *MAIS* representa 25%. A fim de identificar os contextos linguísticos e sociais que condicionam o uso de uma ou de outra variante, fixaram-se as seguintes variáveis linguísticas: *função dos termos coordenados*, *tipo de categoria coordenada* e *referencialidade dos elementos coordenados*; e variáveis extralinguísticas: (i) *comunidade*; (ii) *faixa etária* (20-40 anos, 40-60 anos, 60-80 anos e mais de 80 anos), (iii) *escolaridade* (analfabeto e semianalfabeto) e (iv) *estada fora da comunidade*.

Foram selecionadas 03 variáveis sociais e apenas 01 variável linguística, enumeradas a seguir de acordo com a ordem de seleção do programa quantificacional: *referencialidade*, *faixa etária*, *escolaridade* e *estada fora da comunidade*. Antes de analisar os números referentes às variáveis selecionadas, achou-se interessante apresentar a distribuição das variantes de acordo com a comunidade mesmo sem ter sido considerada relevante.

Tabela 2 – Distribuição das variantes de acordo com as comunidades

	MAIS	E	TOTAL
	Ocorr - %	Ocorr - %	Ocorr - %
Helvécia	39 - 31	87 - 69	126 - 100
Cinzento	23 - 14	143 - 86	166 - 100
TOTAL	62 - 21	230 - 79	292 - 100

Como registrado na Tab.2, o *MAIS* é favorecido em Helvécia com frequência igual a 31%, dez pontos percentuais acima da média obtida, 21%. Por outro lado, a variante *E*

é favorecida em Cinzento com frequência igual a 86%. Assumindo que a variante *MAIS* seria a variante inovadora, resultante do contato do português, principalmente com línguas africanas, os números da Tab.2 refletiriam o comportamento esperado, visto ser a comunidade de Helvécia considerada, no âmbito das pesquisas realizadas no Projeto Vertentes, a comunidade mais criouliizante, por guardar traços linguísticos que refletem um processo de transmissão linguística irregular. Além disso, de acordo com Lucchesi (2009), essa comunidade possui características sócio-históricas que dão à comunidade esse *status*. São elas:

- I. a quantidade de africanos na colônia era muito maior do que a de brancos;
- II. os senhores de escravos eram, em sua maioria, estrangeiros, portanto não tinham o português como língua materna;
- III. a comunidade de ex-escravos fixou-se em uma localidade isolada e permaneceu em relativo isolamento até meados do século XX;
- IV. muitas crianças escravas nasceram na Colônia Leopoldina, o que favorecia a manutenção das variedades do português utilizado para comunicação.

O fato de a dialetóloga Carlota Ferreira, numa expedição linguística ao sul do estado da Bahia, em 1961, ter registrado algumas características criouliizantes da fala de um casal de informantes, contribui também para a caracterização de Helvécia como criouliizante. Nos registros de Ferreira, encontram-se os seguintes fenômenos típicos de línguas crioulas:

(i) uso variável do artigo definido; (ii) variação na concordância de gênero no interior do sintagma nominal e na relação com um termo predicativo; (iii) simplificação da morfologia flexional do verbo no que se refere à variação na flexão número-pessoal da primeira pessoa do singular, ao uso da forma do presente aoinvés do pretérito do indicativo e ao uso da forma do infinitivo em contextos de forma finita. (LUCCHESI, 2009, p. 91-92)

O que se percebe na fala desses informantes são processos de variação “nos quais a forma padrão do português alterna com formas que teriam feito parte do repertório gramatical do antigo crioulo de Helvécia” (LUCCHESI, 2009, p. 93). Outras estruturas típicas de línguas crioulas encontradas em Helvécia pelos linguistas Dante Lucchesi e Alan Baxter em 1994 são:

- a. ausência de preposição em estruturas nominais;
- b. ausência do verbo copulativo;
- c. orações encaixadas sem complementizador;
- d. negação verbal com sujeito marcado negativamente;
- e. estruturas de duplo objeto com inversão na ordem dos complementos verbais e supressão da posição de dativo;
- f. uso de formas do presente para indicar ações e estados situados no passado.

Observe-se que a característica registrada em (8b) e (9b) constitui-se um contexto linguístico para a introdução de um item funcional para suprir a ausência das preposições perdidas. Isso justificaria o uso do *MAIS* como preposição. Mas este é um assunto que será tratado posteriormente.

Nas subseções seguintes apresentam-se os resultados referentes às variáveis selecionadas pelo programa.

4.1 As variáveis sociais

A *variável escolaridade*, segundo o programa a que foram submetidos os dados, foi selecionada como a mais significativa na escolha das variantes, embora os índices de peso relativo fiquem muito próximos à media, como se pode verificar na Tab.3.

Tabela 3 – Distribuição das variantes de acordo com a escolaridade dos informantes

	MAIS			E		
	Ocorr	%	PR	Ocorr	%	PR
Analfabeto	50	38	0,54	83	62	0,46
Semianalfabeto	12	8	0,47	147	92	0,53
TOTAL	62	21	-	230	79	-

Nível de significância: .045

A leitura horizontal da Tab.3 revela que, entre os analfabetos, a variável *MAIS* é favorecida com 0,54 de peso relativo, enquanto o *E* é favorecido com 0,53 entre os semianalfabetos.

Os resultados referentes à *variável faixa etária* mostram que a variante *MAIS* é favorecida pelos adultos e pelos idosos. Como a fala das pessoas de mais idade é mais sedimentada e “permite visualizar os estágios mais antigos da gramática das comunidades de fala analisadas”, conforme Lucchesi (2009, p. 156-157), esse resultado parece favorável à hipótese que norteia a realização dessa pesquisa. Os resultados podem ser vistos na Tab.4.

Tabela 4 – Distribuição das variantes de acordo com a faixa etária dos informantes

	MAIS			E		
	Ocorr	%	PR	Ocorr	%	PR
Faixa I	3	4	0,22	73	96	0,78
Faixa II	16	13	0,44	104	87	0,56
Faixa III	20	45	0,79	24	55	0,21
Faixa IV	23	44	0,77	29	56	0,23
TOTAL	62	21	-	230	79	-

Nível de significância: .045

Observa-se na Tab.4 que a variante *MAIS* é favorecida nas faixas III e IV, com 0,79 e 0,77, respectivamente, revelando um padrão descendente dos mais idosos para os mais jovens, que preferem a variante *E*. Assumindo que a fala dos mais idosos é aquela que pode refletir vestígios de crioulização prévia (LUCCHESI, 2000), esse resultado se mostra relevante para verificar a trajetória do *MAIS* nas comunidades analisadas.

Quanto à *variável estada fora da comunidade*, que permite verificar a possibilidade de interferência linguística de outras normas na comunidade investigada, os resultados obtidos demonstram que o *MAIS* é favorecido na fala de informantes que não saíram da comunidade com peso relativo igual a 0,62. A variante *E* é favorecida com 0,58 na escolha dos informantes que se mantiveram fora da comunidade por mais de 6 meses, como se vê na tabela a seguir.

Tabela 5 – Distribuição das variantes de acordo a estada fora da comunidade

	MAIS			E		
	Ocorr	%	PR	Ocorr	%	PR
Não	41	40	0,62	61	60	0,58
Sim	20	14	0,38	122	86	0,42
TOTAL	61	25	-	183	75	-

Nível de significância: .045

Como se observou nessa seção, os fatores sociais se mostraram relevantes na escolha da variante *MAIS*, parecendo ir ao encontro da hipótese proposta neste trabalho. Porém, é necessário expandir esta pesquisa a outras comunidades rurais afrodescendentes, o que já está sendo implementado.

Na seção seguinte serão discutidas as variáveis linguísticas investigadas.

4.2 As variáveis linguísticas

Das três variáveis linguísticas fixadas, somente a *referencialidade* dos elementos coordenados foi considerada relevante pelo programa. Os resultados estão registrados na Tab.6.

Tabela 6 – Distribuição das variantes de acordo com a referencialidade

	MAIS			E		
	Ocorr	%	PR	Ocorr	%	PR
[+ def, + espec]	44	33	0,68	91	67	0,32
[+ def, - espec]	14	16	0,48	76	84	0,52
Genérico	4	6	0,20	64	94	0,80
TOTAL	62	21	-	231	79	-

Nível de significância: .045

Como se vê na Tab.6, a coordenação entre DPs¹² com traços [+ def, + espec], como em (18), favorecem o uso da variante *MAIS*, como peso relativo igual a 0,68. Assemelhando-se ao uso do *ku* coordenativo no crioulo caboverdiano, apresentado na seção 3. Enquanto no outro extremo, a coordenação entre DPs genéricos, como em (19), favorece o uso da variante *E*, com peso relativo igual a 0,80. Os números referentes aos DPs com traços [+ def, -espec], como em (20), refletem a média de uso.

- (18) a. “Isso tudo, aí a minha mãe *mais* meu pai me ensinô” (HV11)
 b. “Osvaldo só foi aqui que tamo aqui só foi eu *e* ele aqui” (HV05)
- (19) a. “Fulana *mais* Fulano tá lá em casa de minha vó” (HV19)
 b. “Japonês *e* chinês ININT que eu num conheço” (HV06)
- (20) a. “Mutum é... é o seu Alcalino *mais* ôtro que morava lá” (HV13)
 b. “Tinha dua fio lá! Dua fia *e* essa aí” (HV19)

Embora as variáveis referentes à função e às categorias dos termos coordenados não tenham sido selecionadas pelo VARB2000 como relevantes, decidiu-se tecer alguns comentários sobre elas.

Quanto à ***categoria dos termos coordenados***, delinea-se uma distribuição entre as duas variantes: a conjunção *E* coordena orações, como em (21), adjetivos, como em (22) e advérbios, como em (23), porém o mesmo não se verifica com o *MAIS*, considerando não se terem encontrado ocorrências desse tipo no *corpus*. A ampliação do *corpus*, como já prevista, pode modificar essa situação, porém nossa intuição de falante contraria essa expectativa.

- (21) “só roçava um... uma pontinha de mato, aí queimava *E* plantava o... feijão” (HV04)
- (22) “Eu já vi[m] a gandinha assim... munto bonitinha *E* sabidinha” (CZ10)
- (23) “Aí uma dô aqui *E* aqui...uma tossinha”

Nos demais contextos, a variação entre *MAIS~E* é observada, porém parece que *MAIS* é favorecido pelo traço de maior referencialidade, como se viu na Tab.6. Pode-se inferir, a partir do uso do *MAIS* com três tipos de DPs propostos, que *MAIS* só ocorre quando os elementos coordenados possuem algum traço de referencialidade. Daí não

¹² Refere-se à categoria DP mesmo que as categorias coordenadas sejam PPs, visto que aquele é que carrega traços de referencialidade.

ocorrer nos contextos em que só se observou *E*. A variante *MAIS* coordena categorias distintas, desde que seja nucleada por um nome, ou palavra substantivada, como se vê em (24a), (24b) e (24c), porém não foram encontradas ocorrências com o *MAIS* coordenando PP + PP, apenas com *E*, como em (24d).

- (24) a. DP + DP: “Minha madrinha *mais* meu padrim morava lá pra cima” (HV13)
 b. PP + DP: “pagava armoço^{prá} mim *mais* ele” (HV12)
 c. DP + PP: “e a fazenda minha *mais* dos minino” (HV09)
 d. PP + PP: “ele tabaiava na roça *e* na fazenda” (HV09)

Por fim, a variável *função sintática dos elementos coordenados*. Das 276 ocorrências computadas dessa variável, 114 foram de DPs coordenados na posição de sujeito. Nesse contexto, a variante *MAIS* foi favorecida, com 34% das ocorrências, 13 pontos acima da média desta variante que foi de 21%. Além da coordenação entre termos na posição de sujeito, como em (25a), foram controladas outras posições, como nos demais exemplos em (25).

- (25) a. Sujeito: “eu *mais* eles ia daqui” (HV12)
 b. Objeto direto: “Eu vô chamá papai *mais* mamãe” (HV22)
 c. Objeto indireto: “só que eu num gosto é de canjica *e* mingau” (CZ02)
 d. Adjunto: “Aí sexta... sexta *e* segunda a gente tá de folga” (CZ02)

Conclusão

O tratamento sociolinguístico dado à investigação dos fatores condicionantes do *MAIS* no português rural afrobrasileiro demonstrou que este item é mais favorecido principalmente pelas variáveis sociais. É favorecido: i) pela ausência de escolarização dos informantes; ii) pelos falantes adultos e idosos; e iii) na fala daqueles que não saíram da comunidade. Esse resultado preliminar parece apontar para a confirmação da hipótese proposta de que a ampliação funcional do item de vocabulário *MAIS* se deve ao multilinguismo ocorrido no PB durante os três séculos de colonização do Brasil. Quanto às variáveis linguísticas, apenas a referencialidade do DP foi selecionada como significativa na escolha das variantes investigadas; *MAIS* é favorecido em contextos que apresentam os traços [+def, +espec], enquanto o traço [+genérico] favorece o uso do coordenador aditivo *E*. Comportamento semelhante verificou-se no crioulo

caboverdiano de base portuguesa. A preposição *KU* funciona como conjunção aditiva em contextos mais referenciais, enquanto a conjunção *I* ocorre nos demais contextos.

Referências

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. 45. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

ARENDS, Jacques; MUYSKEN, Pieter; SMITH, Norval. *Pidgins and Creoles: an introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

BAPTISTE, Marlyse. *The Syntax of Cape Verdean Creole*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2002.

BAXTER, Alan; LUCCHESI, Dante. A relevância dos processos de pidginização e crioulização na formação da língua portuguesa no Brasil. *Estudos lingüísticos e Literários*, n.19, Salvador: EDUFBA, 1997, p. 65-84.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1982.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 13. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da Língua Portuguesa*. 11. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986.

LABOV, William. *Modelos Sociolingüísticos*. Trad. HERRERAS, José Miguel M. Madrid: Ediciones Cátedra, 1983 (versão original em inglês).

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009.

LUCCHESI, Dante. O português se teria crioulizado no Brasil? – refletindo sobre uma velha questão. *APB*, v.1, Frankfurt, 2000, p.25-41.

LUCCHESI, Dante. As duas grandes vertentes da história da sociolingüística do Brasil (1500-2000). In: *D.E.L.T.A.*, v. 17, n.1, São Paulo: EDUC, 2001, p.97-130.

LUMSDEN, John S. Language acquisition and creolization. In: DEGRAFF, Michel (ed.). *Language creation and language change: Creolization, diachrony and development*. Cambridge: MIT Press, 1999, p. 129-157.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. De fontes sócio-históricas para a história social lingüística do Brasil: em busca de indícios. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Para a história do português brasileiro*, v. 2, t. 2, São Paulo: Humanitas, 2001, p. 275-301.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Marta Maria Pereira. *Origens do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2007.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da língua portuguesa*. 45. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

SCHERRE, Marta Maria Pereira; NARO, Anthony Julius. Duas dimensões do paralelismo formal na concordância verbal no português popular do Brasil. In: *D.E.L.T.A.*, v. 9, n.1, São Paulo: EDUC, 1993, p.1-14.

TAGLIAMONTE, Sali A. *Analysing sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

TARALLO, Fernando. Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (orgs). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

Recebido em março de 2013.

Aceito em junho de 2013.